

12154 - Cultura Puri e arteeducação – potenciais artísticos/subjetivos na construção e valorização de experiências contra-hegemônicas

Puri culture and art-education – potential artistic/subjective to build and enhance counter-hegemonic experiences

ALVIM, Mayara Helena¹; BARBOSA, Willer Araujo²; ZEFERINO, Jaqueline Cardoso³ VILAÇA, Aline Serzedello das Neves⁴;

1 UFV, mayaralvim_jf@hotmail.com; 2 UFV, wbarbosa@ufv.br; 3 UFV, jcardosozeff@yahoo.com.br; 4 UFV, alyneserze@gmail.com;

Resumo: Este resumo é parte da pesquisa de iniciação científica Mestres Griôs da Cultura Puri a partir de sua história oral – Uma experiência em arteeducação que objetiva a criação de trabalhos artísticos que subsidiem a construção de material arteeducativo para a Escola Família Agrícola Puris e rede municipal de ensino da cidade de Araponga. Na região de Araponga, desenvolvem-se experiências agroecológicas que a pesquisa Educação Popular e Cultura Puri: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente defende emergir de braços dados à processual auto-identificação dos agricultores familiares da região com a etnia indígena Puri. Ele é, portanto, o explicitar de uma das estratégias que o Programa Teia e seus parceiros adotaram para a valorização das experiências que se desenvolvem na região considerando corpo e ancestralidade.

Palavras-Chave: Arteeducação; interculturalidade; contra-hegemonia

Abstract

This summary is part of the scientific initiation "Masters of Culture Puri griots from his oral history - an experience arteeducação" which aims to create artwork that subsidize the construction material for arteeducativo Family Farm School and Puris municipal schools in the city of Araponga. In the region of Araponga develop agroecological experiences perceived by the search "Educação Popular e Cultura Puri: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente" as linked to self-identification of family farmers in the region with the indigenous ethnic group Puri. It is, therefore, spell out the strategies that the WebProgram and its partners have adopted to value the experiences that develop in the region considering the body and ancestry.

Keywords: Art-educação; interculturalism; counter-hegemony

Introdução

As primeiras atividades do projeto de pesquisa "Mestres Griôs da Cultura Puri a partir de sua história oral – Uma experiência em arteeducação", de que se trata este resumo, se deram em consonância com as do Programa Teia de Extensão Universitária.

O Teia articula cerca de 20 projetos de extensão que compartilham concepções práticas e metodológicas no que concerne à Educação Popular, as Alternâncias Educativas e a

Agroecologia em movimentos sociais e comunidades populares.

Na construção pedagógica [*do Programa Teia*] busca-se continuamente discutir e compreender o aprender-fazer a partir do cotidiano popular. O princípio do Programa valoriza a troca entre o saber popular e o saber científico, não podendo *a priori* partir do entendimento que já se sabe fazer, pois assim a construção efetiva de um outro saber mais completo fica debilitado. (...) As ações visam à participação equitativa, o resgate e a valorização do conhecimento e a consolidação de processos de organização comunitária. Para tal utiliza de dispositivos pedagógicos: cursos, excursões, encontros e oficinas pedagógicas (FREITAS, p.1, S.D.).

Entre os projetos inseridos no Programa Teia destacamos, por afinidade temática e questões de ordem prática, o Grupo Gengibre de Cultura Popular, que se propõe à reflexão teórica e prática sobre as temáticas da oralidade, identidade e memória que estão presentes nas manifestações culturais populares e identitárias brasileiras, especificamente da Zona da Mata Mineira. (VILAÇA, 2009).

O Grupo Gengibre hoje desenvolve um espetáculo baseado no livro *O trem: um sonho de luz e ternura* de Amauri Adolfo,¹ um dos mestres Griô referência no Programa Teia.

Visto isto, buscamos tecer comunicações e aprofundar consonâncias entre estes três parceiros, ao mesmo tempo em que nos preparávamos para as manifestações do Abril Vermelho de que falaremos a seguir. Tal aproximação visou à formação de um grupo que viabilizasse a composição de cenas e/ou células coreográficas acerca de categorias da cultura Puri levantadas na pesquisa *‘Educação Popular e Cultura Puri: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente’*, como objetiva a iniciação científica de que este resumo é parte.

Metodologia

À guisa de preparação para as composições artísticas, tivemos ao longo de cada semana encontros para estudos teóricos, para complementar as experimentações e exercícios artístico-corporais desenvolvidas no Grupo Gengibre e reuniões do Programa Teia.

Nos encontros teóricos tivemos como referência o escritor angolano Manuel Rui, o que nos permitiu reflexões sobre as realidades negra e indígena em relação ao colonizador, subjugadas e condenadas a ter sua história contada sob o viés deste no texto escrito em detrimento do oral, do corporal, do ritual.

Quando chegaste mais velhos contavam estórias. Tudo estava no seu lugar. A água. O som. A luz. Na nossa harmonia. O texto oral. E só era texto não apenas pela fala mas porque havia árvores, parrelas sobre o crepitar de braços da floresta. E era texto porque havia gesto. Texto porque havia dança. Texto porque havia ritual. Texto falado ouvido visto. É certo que podias ter pedido para ouvir e ver as estórias que os mais velhos contavam quando chegaste! Mas não!

¹ “Agricultor agroecológico apaixonado pela vida no campo, vivendo uma relação de harmonia com a terra. Terapeuta naturalista trabalha com homeopatia, florais, radiestesia e mestre em Reike. Casado com Vera, tem duas filhas: Sabrina e Letícia.” Informações da “orelha” de seu livro - *O trem: um sonho de luz e ternura*

Preferiste disparar os canhões. (RUI, 1985).

Assim, ao perceber os textos (oral, ritual, dançado, cantado...) de origem negra e indígena em posição combativa, entendemos no contexto de nosso trabalho (do gengibre e do projeto) a importância de valorizá-los nas comunidades com as quais nos relacionamos ao invés de apenas traduzi-los na escrita do dominador como costuma exigir o trabalho acadêmico.

Vale ressaltar que, desde 2004 – ano de sua fundação, o Gengibre debruça seus estudos especificamente sobre o Congado e as manifestações consideradas afrodescendentes na região da Zona da Mata mineira. A inserção das temáticas que envolvem o livro de Amauri Adolfo (a agroecologia, as benzedeadas, as folias de reis...) e a aproximação com os estudos da temática Puri, ampliou, no contexto do grupo, os horizontes de pesquisa no sentido de nos perceber envolvidos numa dimensão intercultural que compreende a ambivalência de ser ao mesmo tempo ameríndio, afro-brasileiro e euro-descendente. Processo de etnicidade colonial a que se chama de identidade *ameríndiafricana* (BARBOSA, 2006).

Assim, o ser cultural de que falamos no título deste estudo é ao mesmo tempo, generalização do ameríndio, do afro-brasileiro e do euro-descendente em um conceito, e possibilidade de enfatizar as especificidades da luta negra e indígena dentro das relações de força em que ela se compreende.

Nos encontros de cunho prático, experimentamos e preparamos um esboço geral de oficina que permeou os três eixos centrais de elaboração artística e pesquisadora do Gengibre: a história oral, a ancestralidade e a memória. Seguem as atividades centrais que descrevo no intuito de indicar que a partir do entendimento da intencionalidade de cada uma no processo de valorização dos textos populares, elas possam ser dirigidas por qualquer pessoa:

1) Ritual de início : em círculo, os participantes tinham suas mãos perfumadas por óleos essenciais e seguiam as movimentações de um proponente que sugeria a retirada de energia da terra seguida da conexão da mesma com o universo, da troca da mesma com o grupo e e da projeção da mesma em torno do próprio eixo sagital.

Acerca do corpo e a ancestralidade Inacyra SANTOS (2001) afirma, “no contexto simbólico, os mitos transmitem os valores, os princípios, as crenças, os ritos reforçam, moldam a vida da comunidade, onde a função da arte é de presentificar a força da natureza ou a de um ancestral.” Em nosso caso, o ritual presentifica a força da terra em conexão com o cosmo na materialidade do movimento. Este elemento nos é fundamental por nos remeter à simbologia corporal de Graziela RODRIGUES (1997) que compara o corpo ao mastro fincado na terra, ápice de muitas das festas populares na conexão entre o plano sagrado (céu) e o plano profano (sub-terra).

2) 7 voltas: a partir do mito africano da Árvore do Esquecimento² programamos um momento em que os participantes deveriam correr em círculos enquanto eram

² A árvore era conhecida, desde há séculos, como ‘a árvore das voltas’: quem rodasse três vezes em seu redor perdia a memória. Deixaria de saber de onde veio, quem eram os seus antepassados. (COUTO, 2006, *apud* DOURADO, 2008).

estimulados a esquecer de sua ancestralidade e, na verdade, lembravam dela. Este correr era feito no sentido anti-horário. Escolhemos este sentido em analogia ao que Boaventura Santos chama de *dilatação do tempo presente*. Uma crítica ao modelo de racionalidade ocidental dos últimos duzentos anos que tende a contrair o tempo presente e expandir o futuro, desvalorizando a experiência social em curso.

3) Olhos nos olhos: Frente a frente, em duas fileiras, os participantes das oficinas deveriam se olhar durante um longo tempo, observando as “marcas” na pele de seu companheiro. Decidimos inserir este momento na oficina por percebermos a partir de nossa própria experiência com esta atividade que muitas pessoas se sentem afetadas pelo olhar nos olhos. Algumas sentem-se desnudadas ou até mesmo desafiadas. Além disso, acompanhada do poema “Olhos nos Olhos”³, por mim criado para a ocasião, a atividade poderia provocar atenção a possíveis identificações das diversas matizes étnicas ancestrais dos envolvidos acreditando que

A memória se aloja em imagens e sensações nas próprias células. Como uma esponja cheia de água, em qualquer lugar que a carne seja pressionada, torcida ou mesmo tocada com leveza, pode jorrar dali uma recordação (ESTES, 1994 apud RODRIGUES, 2010).

4) Caminhando “para trás” ou A caminho do sul:

Com o olhar no horizonte, em uma fileira, os participantes seriam incentivados a pensar em seus maiores desejos e caminhar “para trás”. Para o sul, como o trem do já citado livro em que o Grupo Gengibre vem trabalhando.

Caminhar para o sul nos coloca, novamente, em posição simbolicamente contra-hegemônica. Nos coloca em direção à valorização de nossas especificidades latino-americanas e diante de um diferente paradigma para pensar e sentir o mundo, pois aparentemente nos distancia imagem “daquilo que mais desejamos” como propõe a atividade, mas nos aproxima da essência daquilo que mais desejamos. Nos “suleia” como propõe FREIRE (1996, *apud* BARBOSA, 2006) em contraposição à ideia de “nortear”, comumente utilizado como a direção adequada a ser adotada para se avançar sobre os objetivos estabelecidos.

Resultados e discussão

Durante o mês de Abril, os militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra memoram o massacre de Eldorado de Carajás, episódio em que 19 sem-terras foram mortos em confronto com a polícia. Desde então o mês de abril é lembrado como um mês de solidariedade e intensificação da luta dos movimentos sociais populares por uma sociedade mais justa e igualitária. Este ano, as manifestações do Abril Vermelho foram organizadas em Viçosa por vários movimentos e entidades estudantis que pensaram atividades para dar visibilidade às resistências indígena, negra, camponesa e popular. Uma possibilidade de vislumbre da luta pela terra em consonância com todos os movimentos que se organizam pela vida digna.

³ Olha nos meus olhos e vê que tenho marcas em meu corpo/ marcas de toda espécie./ Minha infância/ marcou meu queixo, meus joelhos./ Meus cabelos crespos foram marcados/ antes dos velhos navios/ e meus olhos vivos/ ou baixos/ se gravaram em mim ./ co'as costas rasgadas a ferro/ de meu bisavô/ Tenho marcas em meu corpo/ Marcas mais antigas que eu/ Genipapo de guerra/ nas pernas/ urucum sagrado/ e sangrado nos olhos/ Tenho toda terra do mundo em minhas formas/ a vibrar (ALVIM, 2011).

Neste contexto nos inserimos no intuito de experimentar oficinas e laboratórios de criação cênica e trazer à tona na comunidade acadêmica a temática da emergência *amerindiafricana* Puri em nossa região. Foram oferecidas oficinas baseadas no esboço geral apresentado anteriormente para militantes das mais diversas entidades políticas inseridas na UFV, que, de alguma maneira, se propõem à construção de “um outro mundo possível”. Entre si produzem e reproduzem relações do “mundo que há” e do “mundo possível”. Constroem o novo-ainda-imerso-no-velho, de que fala o poeta revolucionário Jefferson Vasques no prefácio de seu livro *Subverso*:

Há uma cultura ainda muito presente em meio aos militantes de esquerda que renega o corpo e as expressões da subjetividade. Cultura calcificada pela urgência e dureza da luta, pela precisão e objetividade com que devem ser planejadas as ações. (...) É justamente neste recôndito de sentidos-e-emoções-recalcadas onde somos colonizados, sem que percebamos, por valores, padrões de comportamento e desejos conservadores. (Vasques, 2009)

Considerando isso, nossa intervenção propiciou, o vislumbre de alternativas artísticas e subjetivas para a construção da contra-hegemonia, ainda que atreladas, muitas vezes, à ideia de “mística” ou “cultural” - jargões utilizados em meio à militância para designar instrumentos de motivação, vontade, disposição e satisfação de ser parte da grande coletividade em luta.⁴

Agradecimentos

[
Agências financiadoras: PROEXT/MEC/SESU, CNPq, FAPEMIG; colaboradores: Projeto Rascunho, Grupo Gengibre e Programa Teia

Bibliografia Citada

BARBOSA, Willer Araujo; **‘Educação Popular e Cultura Puri: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente**. 2005. 165p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

CERTEAU, Michel De; **A invenção do cotidiano: As artes de fazer**, 1998

DOURADO, Lise Mary Arruda; **O outro pé da sereia: fronteira líquida entre o velho e o novo discurso identitário africano e afro-diaspórico**, 2008.

FREITAS, Dayana Gonzaga Souza e; **TEIA - TECER RELAÇÕES SOLIDÁRIAS POR UMA UNIVERSIDADE POPULAR**. S.D. Viçosa – MG

⁴ Este conceito aparece no caderno de princípios do II Curso de Realidade Brasileira, construído pela articulação dos movimentos sociais, sindicais e estudantis da Zona da Mata mineira em 2011.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino - Pesquisador - Intérprete: Processo de Formação**. Rio de Janeiro: Funarte. 1997

RUI, Manuel; **Eu e o outro**. Comunicação apresentada no Encontro Perfil da Literatura Negra. São Paulo, Brasil, 23/05/1985 – Disponível em <<http://ricardoriso.blogspot.com/2007/10/eu-e-o-outro-o-invasor-ou-em-poucas-trs.html>>. Acesso em 08 set. 2011.

SANTOS, Boaventura Souza; **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências**. Disponível em <www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf>. Acesso em 08 set. 2011.

SANTOS, Inaicyra Falcão dos. **Corpo e ancestralidade: uma proposta pluricultural de dançaarte-educação**. Salvador: EDUFBA, 2002.

VASQUES, Jefferson; **Subverso**. [s.n.], 2009.

VILAÇA, Aline Serzedello das Neves; *Terra- Preta:Memória, Ancestralidade e Dança-Teatro in III Seminário e Mostra Nacional de Dança Teatro*. Viçosa: Tribuna Editora. 2011.